

VALTER DA ROSA BORGES

A SAGA DO EXISTIR

RECIFE - 1999

A SAGA DO PENSAR

Valter da Rosa Borges é um ser humano atípico, para não dizer "excrescente". Num mundo de ásperos valores, onde predominam o fanatismo tecnológico, o desvarismo aquisitivo, o hedonismo desesperado e o materialismo que avaliza todos os desrespeitos a primados éticos, num mundo de terrenos tão pantanosos, ei-lo a sulcar a terra com o arado de sua busca transcendental.

Um compulsivo do incógnito, esse pernambucano que se arroja ao mar das aventuras metafísicas, com uma persistência e uma abnegação de marinheiro quase solitário. Daí os traços extremos que vincam sua personalidade, que para alguns parece ingenuamente sonhadora e utópica, para outros, profética, para outros ainda, revolucionária e antecipatória.

Tal sua andança pelo planeta, desde que, há coisa de cinco décadas, resolveu enveredar pelo campo da Parapsicologia, ou da recém-sugerida Transcendentologia, tema de um próximo livro seu. Ao fazê-lo, é provável que tenha sufocado uma vocação poética, tida por promissora pelos críticos de seus poemas de mocidade. Mas as coisas não aconteceriam exatamente assim, a golpe de cortes radicais. Isto porque, no percurso da Poesia à Parapsicologia, ocorreu a fase mística, espiritualista, espiritista.

Essas fases, se é que cabe a catalogação, se encontram nítidas no presente volume, tão pequeno de páginas quanto denso de idéias. Melhor dizendo: este trabalho revela o entrelaçamento entre as fases e as faces rosaborgianas. Basta ver que, do fundo das perquirições e conceituações rigidamente filosóficas e científicas, vez em quando repontam ingredientes místicos e poéticos. Neste último caso, não lhe foi possível sequer eludir a tentação aos versos, mesclados aos registros por vezes audaciosos e um tanto pretensiosos do parapsicólogo.

Daí o dito lá em cima: Rosa Borges é um ser humano atípico, que só não é excrescente no mundo hipertecnológico e cético, porque indispensável.

E como lhe sabe bem, ao paladar reflexivo, o jogo de palavras! Pois se trata - não esqueçamos - de um esteta minimalista... Tudo aqui remete à imagem do relojoeiro, à moda krishnamurtiana ou borgiana (sem trocadilhos...), quase à maneira zen...

Não se está diante de mais um livro de auto-ajuda, ou de "esoterismo", ou de imposição de fórmulas milagrosas de "salvação" e felicidade. O Autor não é um ilusionista ou um aproveitador da alheia inocência e da esqualidez pensante. Não é mais um "iluminado", espécie de que se encontra infestado e empestado o mercado livreiro, o comércio da fé e da indigente psicologia em voga numa ambiência de atordoados e medíocres.

Desavisado andaré quem recorrer, nestas páginas, à gurulatria dos magos de

plantão. Ao contrário: Rosa Borges sabe ser impiedoso e punitivo, ao desnudar o mundo dos humanos, a partir do seu próprio desnudamento, numa audácia catártica que não exclui, quiçá contraditoriamente, a compreensão das nossas fraquezas e, sobretudo, das nossas ilusões.

Ele transita por essa dualidade num à-vontade que beira (com rima e tudo) a irresponsabilidade, tamanha sua contundência não raro professoral. Para tanto, requer-se uma coragem intelectual somente reservada a quem não teme pensar e descer, até às últimas conseqüências, ao poço trevoso da condição humana.

Veemente e humilde ao mesmo tempo, cultivando o paradoxo, afirmando e negando (se), distribuindo as peças do seu jogo de xadrez no tabuleiro da ousadia, Rosa Borges nos instiga a reflexões e reformulações de conceitos e preconceitos com que convivemos por vezes despercebidos e desapercibidos.

Ao cabo da leitura desta "Saga", saímos enriquecidos pela impressão de que, com efeito, quando não é pequena a alma, tudo vale a pena.

Amílcar Dória Matos
(Da Academia Pernambucana de Letras)

DO EXISTIR

Existir é uma saga. É a busca de sentido para o que não se compreende.

A Vida é um mistério e cada pessoa, como parte deste mistério, é também um mistério.

Não somos seres que apenas existimos, mas que também buscamos uma saga para o nosso próprio existir.

A LEI

Só há uma lei universal: a de que existem leis e que estas variam em universos diferentes.

Leis podem variar, mas sempre existem leis - esta é a lei.

Porque vemos as coisas acontecerem da mesma maneira, acreditamos que elas sempre acontecerão assim para sempre. A esta nossa crença demos o nome de leis da natureza.

Há duas leis fundamentais na natureza: a da competição, que Darwin denominou de seleção do mais apto, e a da cooperação.

É pela competição que os seres se exercitam e se aprimoram, e os melhores ou mais aptos são os vitoriosos.

É pela cooperação que os seres da mesma espécie ou grupo social se associam, visando à própria sobrevivência e/ou objetivos comuns.

Os conflitos guerreiros entre os povos são manifestação simultânea destas duas leis. A cooperação reúne indivíduos do mesmo grupo para competir com outros grupos, seja para sua própria defesa, seja para o ataque.

Os conflitos guerreiros tendem, no futuro, a desaparecer, substituídos pelos jogos esportivos e intelectuais. A simulação da realidade é um sucedâneo eficaz de acontecimentos reais, satisfazendo as necessidades de cooperação e de competição dos seres humanos e dos grupos sociais. Uma partida de futebol é uma guerra simbólica entre povos, envolvendo, não só os jogadores em campo, mas os torcedores nos estádios e em outros logradouros públicos, exacerbando, embora transitoriamente, o patriotismo e o xenofobismo em seu mais alto grau.

Em cada grupo, os seus membros cooperam e competem entre si, no sentido de alcançar seus objetivos e definir suas lideranças. É a busca do poder: o poder no grupo e o poder do grupo sobre os outros grupos. Competição e cooperação são as leis da evolução, seja em sentido de progresso, seja de simples transformação ou adaptação. Por isso, com o passar do tempo, o homem compreenderá que, se vencer o adversário é a sua gloriosa meta, eliminá-lo seria, ao mesmo tempo, um homicídio e um suicídio, pois a dialética da vida exige sempre o eterno jogo dos contrários.

A cooperação pode decorrer de uma afinidade de propósitos ou de uma atitude pragmática. Neste último caso, colabora-se para se obter uma vantagem pessoal, mesmo a pretexto de se lutar por um mesmo objetivo.

Colaboramos porque sabemos que, de um modo ou de outro, ganharemos com isso e que, portanto, seria insensato não colaborar.

Uma das grandes leis da natureza é a da replicação. Tudo é uma permanente atividade de cópia. A cópia é a garantia da continuidade da memória. Cada ser sobrevive nas cópias de si mesmo, embora cada cópia apresente pequenas alterações do modelo original. Por isso, nunca somos iguais, mas semelhantes a nós próprios, embora essas semelhanças cada vez se tornem menos fieis às suas cópias mais longínquas. O velho é uma cópia mnemônica quase irreconhecível do menino que ele um dia foi.

Disse Rupert Sheldrake que a natureza não tem leis, mas hábitos. E Charles Darwin, que o hábito era quase um sinônimo da natureza.

Não sabemos até onde a natureza tem hábitos e até onde esses hábitos são invenções do homem na sua busca de encontrar regularidades na natureza.

Esta busca pelas regularidades pode ser consequência de nossa necessidade de segurança e de poder.

Se tudo são regularidades, pode a ciência, um dia, conhecer todas as leis ou hábitos da natureza.

Se se sabe tudo sobre a natureza, pode-se dominá-la.

É esta aspiração de domínio futuro do homem sobre a natureza que lhe dá uma profunda e agradável sensação de poder e de segurança.

O sempre e o nunca são criações do homem desejoso de impor leis à natureza.

FILIGRANAS METAFÍSICAS

Se nada existe, existe alguém que faz essa afirmativa. Logo, se alguém existe, é falsa a sua afirmação de que nada existe.

Não se deve confundir inexistência com ilusão. A ilusão é a percepção errônea de algo que existe.

Se tudo é ilusão, toda percepção da realidade é falsa. Então ninguém pode saber o que é a realidade. Todo nosso conhecimento é inútil. Porém o conhecimento científico, por demonstrar, em muitos aspectos, a sua eficácia, é uma evidência concreta de que nem tudo é ilusório.

Se tudo é alucinação, existe o alucinado, embora tudo o mais possa não existir.

Se o mundo não passa de uma alucinação coletiva, então todos os seres são vítimas da mesma alucinação.

Mas, se houver um só ser real e alucinado, então os demais seres não passam de alucinações transitórias ou eternas daquele ser.

DEUS

Deus é a experiência humana que está acima da própria razão humana.

Tudo o que for dito sobre Deus é o que o homem pensa como consequência desta experiência.

Deus não está: Deus é o estar.
Tudo o que existe está em Deus.
Deus é o ser e o estar, no qual tudo existe e está.

A expressão “onde Deus está” é destituída de sentido. É uma tentativa antropomórfica de situar Deus num determinado local do espaço.
Um Deus situado é um Deus sitiado e envolvido pelo espaço.

Deus é um ser onde tudo está acontecendo. Nele, nada aconteceu, nem acontecerá.

Deus é o ser simultâneo, por isso, onipresente e onisciente. Os seres individuais são sucessivos e, por isso, se locomovem no tempo e no espaço, no infinito corpo de Deus.

A SINGULARIDADE

Algo infinitamente pequeno e infinitamente denso a que se chamou de singularidade existia no infinito nada, o qual não era infinito, porque existia algo.

Então este algo explodiu ninguém sabe por que e como.

E nem também quando, pois o tempo passou a existir depois da explosão.

Dizer que o tempo existiu depois é uma contradição, pois depois também é tempo.

Antes e depois são tempo: logo, não há antes e depois do tempo.

E se não existia o tempo, o que era este algo sem tempo?

Era o espaço infinitamente contraído e denso e que gerou o tempo ao explodir? Então, este algo que era espaço compacto explodiu no vazio e começou a se expandir em partículas e vazio no infinito vazio e ninguém sabe quando parará esta expansão. E se nunca parar?

Esta é uma hipótese científica ou uma metafísica que obteve status de cientificidade?

GÊNESE I

Nascemos de uma explosão:
átomo ou ovo primordial,
a miniatura do nada.
Espaço, tempo, matéria
e o infinito num ponto.

Onde é que Deus estava
nesta singularidade?

DO MÍNIMO

Têm-se procurado os fundamentos da realidade em reducionismos cada vez maiores.

Primeiro foram as células.

Depois, os genes.

Por que não os átomos ou mesmo os quarks?

Os mínimos são postulados como os construtores da realidade. Assim, tudo o que existe é o resultado dos jogos dos mínimos. Até o próprio homem não pensa: ele é pensado pelos mínimos que o iludem, fazendo com que tenha a impressão de que pensa.

Saímos do antropocentrismo para o minimocentrismo.

Deus deve ser o mais mínimo dos mínimos.

Sabemos que nosso corpo é constituído de órgãos, células e átomos.

Será que nossos órgãos, células e átomos sabem também que nós existimos?

Se somos um sistema consciente de órgãos, células e átomos, terão estes subsistemas consciência da existência do sistema do qual fazem parte?

E, ainda mais: cada órgão, cada célula, cada átomo do nosso corpo sabe tudo quanto sabemos e sobre a totalidade do que somos?

Será que cada célula e átomo novo do nosso corpo herda de outras células e átomos o conhecimento de tudo quanto somos?

Será que nada mais somos do que uma estratégia dos nossos genes para garantir a sua sobrevivência, conforme pensa Richard Dawkins?

Ou será que foram os genes de Dawkins que lhe revelaram esse terrível segredo?

Essas coisas acontecem quando certos cientistas querem pensar filosoficamente.

MAIS

Deus nos criou para ser mais.
E criou tudo o mais para ser mais.
O mistério de Deus é este mais,
crescendo no seu próprio infinito.

SOBRE DEUS E A VIDA

Quem fez a Vida?

Trata-se de uma questão mal formulada.

A Vida não foi feita por quem, pois o quem tem conteúdo antropomórfico.

Deus não é quem. Nem é o quê. Está além da compreensão humana e o vocábulo que o indica não o define.

Tal se dá com a Vida.

Afirma-se que há coisas sem vida e que a Vida resultou de relações aleatórias entre as coisas sem vida. Ou seja: no princípio não era a Vida. Todavia, não se sabe explicar por que as partículas subatômicas, que são coisas sem vida, constituam o estofo último dos seres vivos.

Deus fez a Vida? Se tal se ocorreu, então Deus não é Vida, mas causa não-viva da Vida.

E como a causa não-viva da Vida também fez coisas não-vivas? Mas se elas não foram criadas por Deus, então já existiam por si mesmas. E se existiam por si

mesmas, então se autocriaram ou são co-eternas com Deus.

Se, no entanto, os seres vivos são um resultado aleatório de coisas não-vivas, Deus não é a causa da Vida. Nem Deus é Vida nem não-vivo. E a Vida, pelo fato de ter sido criada pelo não-vivo pode ser ou não eterna.

Mas, se o não-vivo foi criado, qual a causa que o criou? Por certo não foi a Vida, pois esta nasceu do não-vivo. E nem foi algo não-vivo, pois este é que foi criado.

A biologia se aferrou firmemente à crença de que o vivo só pode se originar do vivo.

Como explicar, porém, que seres vivos sejam, em seu nível atômico, constituído por elementos não-vivos?

Ou temos de mudar o nosso conceito de vida ou especular sobre o que opera essa transição do não-vivo para o vivo.

Há os que pensam que tudo é vivo e isto nos faz retornar à questão inicial. A Vida ou é eterna ou foi criada por uma causa logicamente não-viva. Se é eterna, não há que se falar em causa, pois o que é eterno não tem causa. Mas, se foi criada, a causa que a criou é não-viva.

E, se Deus e Vida forem sinônimos? Então, tudo é Vida, tudo é Deus e não existe o não-vivo. E nada morre, porque tudo é vivo na eternidade da Vida.

Se tudo isso não passa de um jogo de palavras, a culpa é da própria limitação da linguagem, incapaz de compreender o que não está contido nela mesma. O que chamamos de realidade é este jogo de palavras do qual a palavra realidade é uma de suas peças.

A HUMANIZAÇÃO DE DEUS

Se Deus não tem atributos, como podemos afirmar que ele é amor, justiça, bondade, perfeição?!

Como podemos dizer que Deus nos ama, nos pune e se ira contra nós?

Um Deus concebido e compreendido é apenas um Deus humanizado e feito na medida de nossas carências.

Deus é uma intuição do homem, mas que está acima de sua compreensão. Basta-nos somente o sentimento de sua invisível presença.

Ateu não é apenas quem nega Deus, mas quem afirma qualquer coisa sobre Ele.

Deus, para mim, é o melhor que eu posso conceber. E embora saiba que Deus não é isto, isto porém me basta.

DO MILAGRE

O que chamamos de milagre é aquilo que, embora rarissimamente aconteça, acontece. Ou aquilo que aconteceu pela primeira vez e que possivelmente poderá acontecer de novo.

O milagre não é o impossível: é Deus falando alto aos homens surdos.

PETIÇÃO

É preciso compreender
que não há o que pedir,
porém apenas fazer,
na esperança de que o feito
seja como o desejado.

DO ENTENDIMENTO DE DEUS

Se pudermos entender
o impossível e o absurdo,
entenderemos Deus.

O OBSERVADOR

Só existe um Observador. O universo e tudo o que nele existe só existem enquanto o Observador os observa.

O Observador é as suas infinitas possibilidades e estas só existem quando o Observador as observa.

Somos observações que pensam observar.

RELIGIÃO

Religião é essencialmente fé.
Quem não tem fé não tem religião.
Quando a fé morre, vira teologia.

O ÉDEN

O Éden era a nudez
do ser que a si se bastava,
sem nada ter, tendo tudo
o que o presente ofertava.
O presente era um presente
de quem nada possuía
além do presente dado.

O SER

O ser não é forma, mas seqüências de formas transitórias num processo possivelmente eterno.

O sentido do ser são as suas interações. O ser isolado não existe. Mesmo que se encontre em solidão física, ele permanece, subjetivamente, ligado a outras pessoas, mesmo que seja um misantropo.

O mesmo ocorre no campo da Física, onde as partículas só existem nas suas interações. Isoladas, não passam de abstrações.

A REALIDADE

Talvez a realidade seja um vazio de infinitas possibilidades, onde o que chamamos de real é a atualização de uma dessas possibilidades a partir do ato da observação.

O que resta saber é se há um Observador na Observação ou apenas a Observação.

PALAVRAS E NÚMEROS

Palavras e números são invenções humanas e, por isso, inúteis para a compreensão do real.

O SABER É UMA CRENÇA

Não podemos saber tudo o que somos, porque, assim como todas as coisas, estamos também em permanente mudança.

O que sabemos é crença.

Todo conhecer é uma metáfora.

A ESSÊNCIA DO REAL

Mentira ou verdade, vivemos o que acreditamos.

A crença é a essência do real.

A PERCEPÇÃO É SINGULAR

Temos consciência de que nos percebemos, mas não sabemos como cada um de nós se percebe ou como percebemos a realidade.

Mesmo que ocupássemos o mesmo lugar no espaço não teríamos a certeza da coincidência de nossas percepções.

A REDE DO TODO

Não há que se procurar causas para um evento. Um evento é apenas um referencial num contexto de interações. Logo, causa não é o que precede determinado evento tido por efeito.

As interações do universo não são lineares, mas um sistema de interações em rede. Um evento é um ponto percebido nesta rede. Então, usamos o passado para explicar a causa deste ponto. Mas, acontece que o que queremos que aconteça no futuro pode influir no presente. Ora, se tudo é uma rede de interconexões, não existem passado e futuro, pois a realidade não é unilinear. Se somos pontos interconectados com a rede do Todo, tudo o que nos acontece repercute na rede e tudo o que ocorre na rede também repercute em nós. Nós, na verdade, somos nós, ou pontos, quando referenciados na rede.

CAUSALIDADE

Devemos substituir o conceito de causalidade retilínea pelo de causalidade multilinear convergente, onde o evento é o ponto de convergência da dinâmica da rede de interações universais. Aliás, cada evento nesta rede é um ponto de convergência simultânea de todas aquelas interações.

DETERMINISMO & LIBERDADE

O determinismo é o conjunto de todas as probabilidades. E a liberdade consiste na negação de que somente uma dessas possibilidades está predestinada a acontecer.

A possibilidade de que um dos futuros possíveis venha a acontecer se afirma ou se modifica no dinamismo de cada dia.

A liberdade sempre está no presente.

O MEU ESTAR

Eu estou aqui:
o aqui é meu lugar.
Ainda que exista o além,
eu ainda estou aqui.
O aqui é tudo agora,
o agora se vive aqui.
Tanto o além como o nada
não passa de opinião.

O PROCESSO

Tudo é processo. O que denominamos de indivíduo (ser ou coisa) é um processo localizado que, por ser menos dinâmico que o processo geral – o espaço – se apresenta densificado, dando a aparência de solidez a autopreservação.

As coisas e seres não estão separados no espaço, pois eles são estados do espaço. Eles formam uma unidade com ritmos diferentes de transformação. Por isso, temos a impressão de que o espaço é um vazio, separando os seres e as coisas.

A ESSÊNCIA DO HOMEM

O homem não tem qualquer essência fixa, imutável. A sua essência são as suas relações com a natureza e com os outros homens.

Somos o que nos relacionamos.

O SONO DE DEUS

O homem é Deus que dorme,

sonhando estar acordado.

DA MATÉRIA

Não há criação a partir do nada, porque a matéria não é toda a realidade, mas um aspecto ou um nível da realidade.

A matéria é criada a partir de outro nível da realidade.

DA FORMA

Não há o amorfo na natureza.

Tudo o que existe, tem forma.

Porém, não há duas formas iguais.

O que chamamos de igualdade é o extremamente semelhante.

O ONDE DA MENTE

Organismos simples, com uma única célula e sem cérebro, sabem reagir ao ambiente em que vivem.

Onde se situa o programa que faz com que estes organismos apresentem um comportamento adequado e coerente aos estímulos recebidos?

Se programa é cérebro, como explicar a existência de um programa na ausência de cérebro?

Comportamento pressupõe cognição. Cognição produz comportamento. Comportamento é cognição em ação.

O que faz com que uma bactéria modifique o seu comportamento e se adapte às mais diversas alterações ambientais, inclusive a antibióticos? A adaptação não é uma ação inteligente? Se a adaptação não fosse um comportamento inteligente, há muito as bactérias teriam sido vencidas pelo homem tido como mais inteligente. Mas onde está a mente da bactéria, capaz de se rivalizar com a mente complexa do homem. Como um ser sem cérebro pode medir-se, na batalha da vida, com outro ser com cérebro?

INTERVALO

A consciência é o ponto de interrupção do infinito.

O eu perturba a extensão homogênea do real.

O EU-CORPO

Quem sou eu, testemunha do real,
síntese, enfim, de um corpo inteligente,
ser coletivo do meu povo orgânico
e espírito geral das minhas células?

Sobreviver é reciclar-se sempre,
mantendo o Ser em todas as mudanças.

Tudo em nosso corpo é pensamento
dos átomos, moléculas e células.

Sentimentos e hormônios fluem juntos
na corrente sanguínea e entre os neurônios.
Todo meu corpo pensa, sente e age.

A Vida é a contínua digestão
de nutrientes e fatos, reciclando
o próximo organismo de amanhã.

O CORPO E AS PRÓTESES

O homem não é mais somente o seu corpo, porém, cada vez mais, as suas próteses. Não apenas próteses como substitutos orgânicos, mas como extensões e complexificações do seu agir e até mesmo do seu pensar.

Para ir além do orgânico, o homem se prolongou nos mecanismos que fez para si. Ele, hoje, é uma singular trilogia de mente, corpo e máquina. O orgânico já é insuficiente para abrigar tudo o que ele é.

Expandimo-nos para além do nosso corpo e começamos a perder os limites somáticos de nós mesmos.

Quando o corpo, por suas limitações biológicas, deixar de ser a nossa essencial ferramenta e se tornar uma insuportável prisão, para onde o homem irá? Construirá, então, um corpo mais compatível com o que ele, atualmente, é?

Não podemos sequer imaginar o que será este corpo e também o que seremos. A nossa imortalidade estará nas máquinas como sucedâneo somático do velho corpo biológico?

O VAZIO

Um vazio pulsante é o que somos,
vivendo na ilusão da solidez.

Matéria são vazios que colidem.
As formas são momentos do vazio.

Tudo é mudança.
Mas, o que dirige
a universal mudança no Vazio?

MICRO E MACRO

Como é que as múltiplas interações entre as sinapses e as ações dos neurotransmissores resultam em pensamentos, idéias, consciência, vontade?

Como é que as talvez ilimitadas interações dos elementos mais simples resultam nas estruturas e sistemas mais complexos?

Como é que as interações se transformam em autoconsciência e descobrem que a autoconsciência é resultado daquelas interações?

Como é que essas interações geram, não só a consciência, mas também a

vontade de agir sobre as próprias interações para controlá-las e até modificá-las?

O MUNDO MÁGICO

O mundo é muito mais mágico do que pensamos. E se comporta em relação a nós, segundo somos.

Por não acreditarmos nisso, é que não vemos as coisas acontecerem segundo as nossas reais necessidades.

DA DEFINIÇÃO

Definir é dar forma àquilo que fizemos de objeto do conhecimento.

Toda definição é necessariamente artificial e insuficiente, porque procura aprisionar o inaprisionável e imutabilizar o mutável.

A VERDADE

A verdade é a revelação de cada dia.

A verdade não é sempre a mesma. Como revelação da vida, ela é sempre mutante como a própria vida.

A verdade é a relação biunívoca entre o que se afirma e aquilo que é afirmado e apenas para o instante em que se afirma.

Há dois tipos de verdade: uma verdade biográfica – os fatos da nossa vida – e uma verdade psicológica – a interpretação destes fatos ou a vivência de fatos não biográficos, que são criações da nossa mente.

Cada verdade deve ser tratada no seu nível, porque as verdades podem ou não coincidir entre si.

DA ORGANIZAÇÃO

Tudo o que está rigidamente organizado tende à imobilidade e à morte.

Tudo o que é excessivamente caótico nada produz de eficaz e é um turbilhão sem sentido.

Um sistema eficaz é aquele que, apesar de coerentemente organizado, não é inflexível e permite certo grau de improviso e capacidade de adaptação até mesmo em face a situações normalmente imprevisíveis.

Afirma-se que a complexificação cerebral, resultante do aumento dos neurônios e das sinapses, ou seja, do aumento de unidades processadoras e de suas conexões recíprocas, cria uma organização psicobiológica. Ou seja, a organização psicobiológica não resulta de um plano prévio, mas de uma auto-organização aleatória, o que leva à conclusão de que a organização é anterior ao organizador ou que o organizador resultou da organização.

Acontece que o organizador, que é a organização consciente de si mesma, passa a agir sobre a própria organização para modificá-la, e embora o organizador (o efeito) possa alterar a sua própria, não é capaz de saber o que ele é.

PROGRAMAS E SIGNIFICADOS

O homem não é apenas um fazedor de coisas, mas um artesão de símbolos.
As coisas só têm realmente valor para o homem, quando estão impregnadas de símbolos e significados.

Somos seres significadores e vivemos em função de tudo o que significamos.

Nossa vida é um conjunto de signos e significados.

O homem é aquilo que significativamente fez de si mesmo.

DA NECESSIDADE

Fala-se da necessidade de sobrevivência individual, da necessidade de sobrevivência da espécie, etc.

Indaga-se, então: estas necessidades são preexistentes na natureza ou resultaram de suas atividades estocásticas?

No primeiro caso, a natureza é dotada de necessidades inatas, enquanto, no último, ela é autodidata, aprendendo com as suas próprias experiências.

DA SELEÇÃO

Por que a Natureza age seletivamente?

Se tudo, como alguns pensam, é produto do acaso, como é que o aleatório se tornou seletivo?

Quando se diz que a seleção natural faz com que as coisas aconteçam de certo modo, admite-se que a seleção é uma causa sem causa do processo estocástico.

Diz-se ainda que a seleção natural dirige os processos da Vida.

É a seleção natural anterior à Vida ou esta nasceu de forças agindo aleatoriamente, resultando no estabelecimento de uma seleção natural?

É a seleção natural anterior à Vida, simultânea ao aparecimento da Vida ou posterior à Vida?

Se era anterior, o que era esta seleção natural?

Se era simultânea à Vida, como assumiu o comando da Vida?

Se é posterior à Vida e produto da Vida, temos de convir que a Vida era então um processo caótico e do caos da Vida se originou a seleção natural. Mas se a seleção natural não é um produto da Vida como se inseriu na Vida, passando a regular seus processos?

Afinal, por que se diz que esta seleção é natural? Porque ela existe na natureza? Por que não poderia ser de outro modo?

A seleção natural não é explicação, mas problema, pois nem sequer sabemos o que é o seu modo natural de selecionar.

DA ADAPTAÇÃO

Viver não é lutar, mas adaptar-se. O forte é sempre o mais adaptado e, por conseguinte, o mais apto.

Quem se adapta, não luta. A adaptação é o resultado da compreensão da

irresistibilidade do que é.

A resistência contra o que é, produz o sofrimento. Fomos condicionados a resistir e a lutar e, por isso, quase sempre sofremos e fracassamos. Não nos ensinaram a arte da adaptação, que consiste na perfeita sintonização com o momento atual.

Quem segue o curso das coisas aprende a estar atento à mutabilidade de todas as coisas e está sempre apto a tirar o melhor proveito das mutações.

Só quem não sabe, luta. E a luta é a evidência de que se está na contramão daquilo que é.

Afinal, o que chamamos de vontade é o resultado dos nossos condicionamentos.

É necessário, portanto, aprender a questionar o querer: ou seja, a não nos iludir com o apelo de nossa vontade. Quando não queremos mudar o que é, deixamos de lutar, deixamos de querer, se o que queremos se atrita com o que é. O que não importa na ausência de ação. Ao contrário: quem age na direção do que é, flui com a vida e, por isso, a sua ação é irresistível.

DO TELEFINALISMO

Os adversários da concepção telefinalista da Natureza negam o argumento de que a existência do relógio permite inferir a existência do relojoeiro. É como se afirmassem que o homem não inventou, mas descobriu o relógio e reconheceu que se tratava de um instrumento que, criado aleatoriamente pelas forças cegas da Natureza, poderia ser utilizado para medir o tempo.

A vida não imita as máquinas. As máquinas é que imitam a vida. As máquinas são inventadas para realizar supletivamente atividades vitais.

O cérebro não se comporta como um computador, mas este é que é uma imitação canhestra daquele.

Não foi o computador que descobriu os mecanismos do cérebro, mas o homem é que, descobrindo certos mecanismos cerebrais, aplicou-os ao computador.

Argumenta-se que a auto-regulação é a evidência de que não existe um planejamento determinista, teleológico, mas que a vida se planeja a cada nova circunstância, administrando problemas e soluções, buscando sempre um equilíbrio dinâmico na permanente instabilidade de todos os desequilíbrios. A vida, por isso, é perpétua mudança e criação contínua, fazendo-se, desfazendo-se e se refazendo.

Não seria a autoprogramação a programação básica da Vida para o exercício de suas permanentes transformações?

DO PROGRESSO

O progresso é o aumento da complexidade das relações dos homens entre si e com a natureza, decorrente da crescente expansão do conhecimento. Não resulta necessariamente em bem-estar individual e social, mas na tentativa de adaptação às circunstâncias que ele próprio gerou.

O conhecimento, pois, não nos faz felizes, mas complexos e até perplexos

ante a expectativa de seu aparente desenvolvimento ilimitado.

A MÁQUINA

Não façamos da máquina
o sucedâneo do humano
ou seu mutante metálico.
Falta-lhe o senso do acaso,
do lúdico e do absurdo,
a convivência do equívoco.
O homem é o imprevisível,
o orgasmo do paradoxo,
e a aversão às repetências,
que é a essência do mecânico.
A máquina é a ordem sólida
oposta à fluidez do orgânico.

ROBOGÊNESE

Então os homens disseram:
eis que o computador é como qualquer de nós,
sabendo o que nós sabemos.
(Também o bem e o mal?)

COMPUTADOR

É de uma extrema insensatez a afirmativa de que, mediante as simulações do computador poderemos entender a mente humana. Ora, foi a mente quem inventou o computador, seus programas, suas simulações. Ele não passa de uma extensão da mente, a qual transfere para ele seus atributos. Tudo o que o homem produz é extensões de si mesmo. O computador, por mais complexo que seja, não passa de uma extensão da própria complexidade da mente humana.

Para explicar a mente humana, o computador deverá ser mais complexo do que ela.

Como pode a mente criar algo mais complexo do que ela?

FATOS & ARGUMENTOS

Dizemos que contra fatos não há argumentos.
Mas, o que são fatos, senão percepções selecionadas?

DO EGOÍSMO

O egoísmo é o princípio de autoconservação de qualquer sistema biológico e cultural.

Há duas modalidades de egoísmo: o individual e o coletivo, este último representado pelo grupo familiar, por outros grupos sociais e também pelo país em que se nasceu.

O egoísmo individual é frágil, porque exercido por uma só pessoa e em seu próprio benefício.

O egoísmo coletivo é forte, porque exercido por várias pessoas, beneficiando diretamente o grupo e indiretamente cada um dos seus indivíduos, em proporções diferentes.

DO BENEFÍCIO

Quando ajudamos as pessoas sempre o fazemos em nosso benefício.

O benefício de nos sentirmos bem, fazendo bem aos outros.

O benefício de nos sentirmos úteis.

A expectativa do benefício da reciprocidade.

O benefício de sermos tidos por pessoas boas.

O futuro benefício metafísico em relação ao Além.

DA CONSCIÊNCIA

Se a consciência não tem forma, se não é possível medi-la, se não podemos localizá-la, concluímos, de logo, que ela não é local, não se encontra no espaço, nem está confinada no cérebro. Portanto a pergunta “*onde* está a consciência?” não tem sentido, pois a consciência não está *onde*. Ela não é um epifenômeno do cérebro, porque o cérebro é uma entidade espacial. Se não é uma entidade física, a consciência, por consequência, não existe?

O espaço e o tempo são hoje concebidos como uma unidade. Ora, se a consciência não se encontra no espaço, ela também não se encontra no tempo. Ela não é *onde*, nem *quando*. Logo, não é afetada pelas ocorrências tempo-espaciais.

Um dos maiores mistérios reside nesta conexão que se estabelece entre a consciência e o universo tempo-espacial e o que acontece à consciência humana na sua desconexão definitiva com a organização biológica.

Quem nega a consciência assume o seguinte paradoxo: eu estou consciente de que não sou (ou estou) consciente. Ou ainda: eu sou inconsciente, mas consciente da minha inconsciência.

Também é interessante querer-se provar de que é feita a consciência. E afirma-se que ela é efeito ou resultado de complexas atividades metabólicas. A consciência é um resultado que procura saber como chegou a este resultado.

Procuram saber o que é a consciência, usando, para isso, a consciência. Ou procuram negar a consciência, utilizando a consciência, embora afirmem que ela não existe.

DA AUTOCONSCIÊNCIA

É difícil acreditar na existência de finitos pontos de autoconsciência na imensidão, talvez infinita, de uma totalidade inconsciente.

Se somos uma organização consciente de si mesma e, portanto, um *quem* e

não um simples *como*, por que o universo, sendo uma organização, é apenas um imenso *como sem quem*?

SER

Não há essência do ser:
o nosso ser é passar
em solidez ilusória
em cada instante do estar.

EU & CORPO

O que chamo de eu é a consciência de que ocupo um lugar exclusivo, embora móvel, no espaço.

Em qualquer circunstância, este meu lugar exclusivo no espaço é o meu corpo. Assim, meu corpo é onde me sinto num lugar exclusivo do espaço.

Chamo de percepção o meu modo de interagir no espaço. O real é tudo o que percebo no espaço.

O EU COMO BIOGRAFIA

Às vezes, lembramo-nos de coisas,
não como foram,
mas como desejaríamos que fossem.
Não o passado que foi,
mas o que poderia ter sido.
O nosso passado não é algo definitivo,
nem definido:
é uma permanente reinvenção mnemônica.
Somos uma biografia
sempre em mudança.

O SEM-NOME

Eu sou aquele sem nome,
que o nome fez esconder.

Um dia, deixei meu nome,
como quem despe uma roupa
e vi-me em minha nudez.

Eu que pensei que era nome,
vi que o nome é fumaça.

E entendi que sou o rio
e não as ondas que passam:
por isso, nunca termino.

O nome é marca no corpo
e com o corpo se acaba.

O sem-nome é o que fica,

pois nunca foi, nem será.

MONISMO

Não somos células e átomos em turbilhão,
nem espírito a parte,
porém corpos em sucessão.

O SOBREVIVENTE

A nossa unidade é isso: a coerência dinâmica e não a continuidade do ser que é sempre mutante.

É neste mudar que somos a nossa sobrevivência, em cada momento eterno, se plenamente vivido.

IMPREGNAÇÃO

Não há solidão real.
Estamos impregnados
do nosso viver com os outros.

TRANSCENDÊNCIA

Os mistérios são alucinógenos.
A mística é a embriaguez
de quem provou o infinito.

DO TEMPO

O tempo não é um fluxo. Não é direcional. É a mudança que ocorre no espaço, nas coisas, nas pessoas.

É a nossa mente que cria um antes e um depois daquilo que está mudando. A memória das mudanças se chama passado e a expectativa do que poderá mudar é denominada de futuro.

O tempo resulta da consciência da sucessividade das mudanças.

O que é o tempo vazio? É o tempo em que não agimos, em que não pensamos, em que não sentimos?

O nosso fazer, o nosso pensar, o nosso sentir por tanto ocupar o tempo não nos faz senti-lo. Então, o tempo só existe quando não agimos, não pensamos, não sentimos. É o vazio que nos intima a preenchê-lo e, enquanto não o fazemos, somos acometidos de um sentimento de culpa e de angústia.

O passado, para muitos, é um museu. Para outros, porém, um companheiro experiente que pode sugerir comportamentos para situações semelhantes que nos ocorrem no presente.

O passado é a presunção de que algo aconteceu segundo o que lembramos.

A Idade de Ouro sempre está no passado ou no futuro. O presente não passa de uma janela onde contemplamos o que foi e o que será.

O hoje nunca deve ser a sala de espera do amanhã.

Quem espera sempre alcança? Nem sempre. E enquanto se espera, não se vive o que realmente se tem - o hoje.

O tempo é a percepção sucessivizada da simultaneidade de tudo. Se o tempo não existe lá fora, então o tempo é uma experiência subjetiva. Mesmo o tempo cronológico não passa de uma experiência intersubjetiva.

Não há o tempo onde as coisas se desenvolvem, mas há o desenvolvimento das coisas do qual resulta o tempo.

Não há um tempo padrão, mas sistemas e subsistemas do tempo, cada um deles com os seus tempos específicos. Cada sistema ou subsistema cria o seu próprio tempo, como decorrência de sua mudança. Logo, o tempo é a mudança das coisas. Sem mudança, não há tempo. Por isso, a imobilidade é o símbolo da eternidade.

Seres e coisas, portanto, não se transformam no tempo, mas geram o seu próprio tempo. Seres e coisas não estão no tempo, mas o tempo é que está nos seres e nas coisas. O tempo nasce com eles. Como, porém, cada subsistema está contido num determinado sistema, o tempo do sistema se torna um referencial externo dos subsistemas. O tempo de um vírus não é o tempo de uma galáxia. O que ignoramos é o que seja o Supersistema, ao qual se subordinam todos os sistemas e subsistemas da natureza.

Espaço e tempo são, assim, aspectos diferentes da realidade física. O que se questiona é se o espaço é o vazio existente entre as coisas ou se o espaço é um *continuum* onde as coisas são um estado mais densificado do espaço, dando-nos a impressão do vazio. O tempo é o processo de transformação do espaço e na conformidade de cada sistema ou subsistema densificado do espaço.

O PRESENTE É ESPAÇO

Tudo o que vejo é presente.
O presente não é tempo,
mas o corpo do espaço.
Tempo é passado e futuro,
que são ausências do espaço.

O LUGAR DO MOVIMENTO

No universo em movimento, o lugar é o seu mover-se.

Todo estar é sempre um ir.
O universo se sustenta no vazio insustentável.
Não há direções, mas apenas o mover, sem rotas e sem lugar.
Todo lugar é mover-se no eterno ir sem lugar.

DO ACONTECER

É bom que saibamos como evitar acontecimentos que possam nos trazer aborrecimentos, prejuízos e perdas de qualquer natureza.

Mas não devemos ficar obcecados por isso, tentando prever tudo o que nos possa acontecer.

Assim, é melhor tornarmo-nos hábeis para lidar com tais acontecimentos se, um dia, eles se realizarem.

Se pudéssemos evitar tudo, jamais poderíamos exercitar nossas habilidades.

O saber fazer em cada situação concreta é que nos dá o poder de enfrentar os fatos e as circunstâncias da vida.

Se é importante saber evitar, mais importante é saber o que fazer quando acontece o que não pôde ser evitado.

DO APEGO AO SABER

Apegar-se ao conhecimento é o mesmo que se apegar às coisas.

Todo apego, seja de que natureza for, é uma prisão.

Quem não é livre do que sabe, não pode aprender sempre.

Sábio não é aquele que se imobiliza no seu vasto saber, mas aquele que é capaz de renunciar a tudo o que sabe para saber mais.

ORAÇÃO

Orar é celebrar o estarmos vivos,
a magia das coisas rotineiras.
É deslumbrar-se com o cotidiano
e o mistério do que é familiar.

Orar não é pedir, é saborear
a vida que nos foi oferecida.

Orar é compreender que recebemos
o que era necessário sem pedirmos.

DO APEGO AO FAZER

Podemos reverenciar o que fizemos, mas nunca idolatrar a nossa obra. Ao contrário, é mister compreender e aceitar a idéia de que, por melhor que ela seja, um dia será superada.

Talvez alguns de nós possam assistir, ainda em vida, a este acontecimento.

Porém, o mais importante, embora supremamente difícil, é abraçar a idéia,

hipótese ou teoria que substituiu a obra de toda nossa vida.

CONHECIMENTO, LIVRE-ARBÍTRIO E DETERMINISMO

Paradoxalmente, o conhecimento que liberta o homem também, às vezes, o destrói.

Porque queremos, pelo conhecimento, dominar as coisas, tornamo-nos, implicitamente, adeptos do determinismo. E dizemos que não há o acaso, pois este é fruto da insuficiência do nosso conhecimento.

No entanto, apregoamos o livre-arbítrio, apesar de termos aceitado que tudo está determinado.

Ou nos conformamos que tudo está determinado, porque só em Deus ou na matéria existe o conhecimento universal. O homem, diz-se então, por não possuir o conhecimento universal, tem a ilusão de que é livre, ou prefere ter essa ilusão.

O que chamamos de liberdade ou livre-arbítrio é o exercício pleno ou parcial de nossas necessidades, as quais, por sua vez, não foram determinadas por nós.

Nós não queremos ter necessidades: nós as temos. E são as necessidades que se manifestam sob forma de vontades e desejos. Logo, não somos livres para escolher nossa vontade, pois são as necessidades que a determinam, como também e, paradoxalmente, a própria vontade de ser livre.

Temos a impressão de que somos livre, quando satisfazemos nossas necessidades e até quando elas nos permitem que não as satisfaçamos.

A sociedade é um conjunto de necessidades genéricas, protegido pelo Direito. Pune-se aquele cujas necessidades entram em conflito com as necessidades sociais, não porque ele seja culpado pelo que é e pelo que faz, mas pelo que faz e que põe em risco a sobrevivência da sociedade.

VER E OLHAR

Há um olhar além do que se olha.
De tanto se olhar, não mais se vê.
Nem sempre o visto é aquilo que se olha.

DA VISÃO

Os olhos nos fazem ver.
Ou a visão fez os olhos
para a si mesma se ver
na infinidade das coisas,
que existem porque são vistas?

DO FANATISMO

O fanatismo é a cronificação de um delírio sistematizado. O colapso definitivo da razão. O império irreversível da emoção descontrolada.

O fanático não raciocina: emociona-se.

O homem tem uma vocação irresistível para o maravilhoso. Como se já não

bastassem os mistérios da vida, ele inventa também os seus próprios mistérios. Parece que o cotidiano o asfixia e ele sente uma urgente necessidade de ampliar a capacidade pulmonar de sua respiração existencial.

Quanto mais exótica é a manifestação do mistério, tanto mais ele se deixa embriagar num exaltado apostolado do delírio. Apaixonado pela sua fantasia, ele se torna fundamentalmente incapaz de perceber a mais óbvia realidade. Por isso, o fanático não dialoga, pois é surdo à voz da razão e apenas escuta o discurso do seu delírio.

OS FANTASMAS

Quando nos lembramos do que fomos, praticamos necromancia.

Tudo o que fomos são fantasmas: só hoje é que estamos vivos.

Somos receptadores de fantasmas.

Falamos com quem já fomos. A memória é nosso Além, território onde vivem todos os fantasmas, onde vivem todos os que, um dia fomos, e também o que os outros foram.

A memória é o deus Hades, o soberano dos Inferos, a personificação do Id.

O mesmo se dá quando nos encontramos com velhos amigos que há muito não víamos. Falamos de tudo o que fomos - nossos fantasmas - e não do que somos, porque, como vivos, somos dois desconhecidos, que se conhecem pela primeira vez, atraídos pelas influências do passado comum. É o diálogo de fantasmas que se comunicam por dois vivos em estado de mediunização recíproca.

Mas, os fantasmas que fomos influenciam o transitório homem que somos num contínuo processo de obsessão. Os mortos que nos habitam dirigem o vivo de hoje.

FANTASMA

Quando morrer, não vou virar fantasma.

Hei de morrer completamente, sem
deixar restos de mim perambulando
em todos os lugares onde andei.

Fantasma é alguém que, embora morto,
sempre ressurgue em cada invocação.

É a memória que imita a vida,
que já não sendo mais, procura ser.

Fantasma é o passado insepulto,
persistência de tudo o que já foi.
É o eco de uma voz que já não é.

Morrer completamente é libertar-se
do ser que já cumpriu a sua rota.
Só dessa morte nasce nova vida.

VELÓRIO

Os vivos são ocupados,
não podem pensar nos mortos.
Quem morre interrompe os vivos.
Deixem os vivos passar.
Por isso, o morto incomoda,
lembra aos vivos seu futuro:
correr, correr... e parar.

DA VAIDADE

Existe a vaidade de ter, mas também a vaidade de dar e de gastar.
A vaidade é a auto-satisfação que decorre da presunção de que se é admirado.
A modéstia ostensiva nada mais é do que a vaidade disfarçada.

DA HONESTIDADE

A honestidade gera confiabilidade. A confiabilidade produz respeitabilidade.
E disto resulta um valor social inestimável.
Otário é aquele que é desonesto. Por maiores que sejam seus ganhos materiais, falta-lhe o patrimônio ético que ninguém pode roubar.

DA CERTEZA

A fé é a certeza sem prova.
A ciência é a probabilidade da certeza.

Qual o fundamento da certeza? É a prova do que se afirma? Mas, o que é provar e qual o grau de confiabilidade da prova? Ou seja: a prova, antes de provar alguma coisa, deve ser previamente provada. E o que prova que o que prova a prova também merece confiabilidade e assim ad infinitum?

A certeza, a rigor, não passa de uma crença que, por ser provada, adquiriu status de confiabilidade.

A Vida é o equilíbrio de sucessivos desequilíbrios. Num universo de ilimitadas possibilidades, nada é absolutamente certo.

Só existe uma certeza: a de que tudo é incerto, exceto a proposição que afirma a universal incerteza.

QUANDO

Quando eu perder o medo de perder
e o medo também de me perder.
Quando eu perder o desejo de ganhar
e fazer pelo gosto de fazer

e fazer do viver um mero usar.
Quando eu usar sem precisar reter
e nem sequer reter o meu passar.
Quando eu passar, usando, sem reter,
no meu passar não haverá perder,
somente o meu passar, sem me reter.

O IMPENITENTE

Lamento os erros que não cometi,
as tentações tão cedo rechaçadas,
apetitosos frutos do pecado
que não colhi na minha juventude.

Por que surdo me fiz à voz da carne,
sufocando paixões, sem arriscar-me
no turbilhão do instinto e no delírio
das emoções mais fortes e insensatas?

Procurei o cilício das renúncias,
o estoicismo brutal da abstinência
e o paladar amargo das virtudes.

Neguei o humano para ser divino.
O Céu não conquistei, perdi a Terra.
O que fazer de tudo o que não fiz?

DA IMITAÇÃO

Não existe repetição, mas imitação na Natureza.
Cada um é imitação de si mesmo e também dos outros.
Nada ou ninguém é igual a si mesmo.
Somos apenas semelhantes ao que fomos.

REPETIÇÃO

A repetição reiterada de um fenômeno não nos garante que ele foi sempre
assim no passado e será sempre assim no futuro.

UMA SÓ VEZ

O que é não é somente aquilo que se repete, mas também o que aconteceu
uma só vez e, por ter acontecido, firmou a sua possibilidade de acontecer de novo.

DESCOBERTA

Basta apenas mudares teu olhar

e encontrarás um mundo sempre novo.
Na verdade, o que chamas de rotina
é a imobilidade de teus olhos,
numa só direção da realidade.

O DUBITANTE

Duvido porque acredito:
a dúvida é a minha fé.
Pois sei que a dúvida é
o meu caminho de fé,
a segurança do espanto,
a certeza do imprevisto,
que nada será como foi
e que o hoje é sempre novo,
se soubermos duvidar
de que ele é igual ao ontem.

SE

Se nada é fixo
e tudo é móvel,
o nosso estar é passar.

Se a Vida é troca,
o que é que fica
na eterna troca?

E o que é a morte,
se tudo é troca?

E o que é real,
se tudo passa?

Se somos outros
a cada instante,
o que é que somos,
se nada fica
e tudo está sempre a passar?

ACASO JÁ?

Acaso já te entregaste a ti mesmo, sem pudor, na plena nudez de ti?
Experimentaste o orgasmo da pureza do teu ser, onde foste como o sol
brilhando num céu sem nuvens?
Já te sentiste tão pleno que te julgaste um deus?
Se ainda não, não existes.

Nenhum espelho que mires te mostrará o que és, mas apenas o sonâmbulo que sonha estar acordado.

DA CIÊNCIA

A ciência tem a sua fé e seus fanáticos.

A crença de que o universo é organizado e, portanto, inteligível e que a razão é capaz de, um dia, entender e dominar a realidade.

E tem os seus fanáticos: aqueles que transformaram hipóteses em dogmas, consolidando paradigmas que subjagam a comunidade científica de determinada época.

AS MÁSCARAS

Se tirarmos as máscaras, o que seremos?
São elas que nos fazem socialmente visíveis.
São a nossa essência formal.

Atrás de cada máscara existe a vida
Num contínuo passar indivisível.

O social é coleção de máscaras.
Somos as máscaras que usamos e valemos
O que elas valem socialmente.

Onde estamos nós sem nossas máscaras?

O que somos nós sem nossas máscaras?

O SER SIMBÓLICO

Vivemos mais num universo de símbolos do que de coisas. O homem é um ser em que o simbólico predomina sobre o biológico. Assim, o seu próprio e também todas as coisas só são percebidos por suas referências simbólicas. Ou seja: algo só existe para o homem se for por ele nomeado e simbolizado.

UM AMIGO

Um amigo é um irmão
que não nasceu da mesma carne,
mas que nasceu da confiança,
que o tempo consolidou.

O amigo é mais que o irmão,
porque nasceu da escolha

e não de um acaso genético.

O amigo é o espelho
do nosso lado melhor:
a nossa face de luz.

É a mão que seda a dor
quando a vida nos faz sofrer.

É o apoio seguro
dos momentos de fraqueza.

Ser amigo é ser igual:
mais gêmeo que o irmão gêmeo
na semelhança do espírito.

Quem encontrou um amigo,
deixou de ser solitário.

A vida se faz permuta,
a vida se faz partilha
para quem tem um amigo.

O NECESSÁRIO

O que é necessário é para o hoje.
E somente o hoje é necessário.
O que morreu não é mais necessário.
A vida não precisa do que é morto.

O MESTRE

Mestre é aquele que não tem discípulo.
Ele é a porta onde todos passam.
O Mestre é só presença, não estátua.
Os seus passos não deixam quaisquer rastros:
Assim não há ninguém para segui-lo.

O SUBSTITUTO

Não temos substitutos: cada ser é único.
Todo sucessor não passa de uma imitação do sucedido.

DOS VAIDOSOS

Tudo fazem para aparecer.
Ou fingem se esconder

para que sejam achados.

AS REGRAS

É por falta de amor que existem regras.
As regras são as próteses do agir.
O amor é a ação que não tem regras.

DO SACRIFÍCIO

Sacrifício é fazer o que não se quer ou se fazer mais do que habitualmente se pode para alcançar o que se quer.

DA CAUTELA DO FALAR

Nem sempre convém dizer o que se pensa. Afinal, ninguém é obrigado a dizer o que pensa.

Podemos falar aos outros coisas que os agradam, embora não nos agradem.

Ou falar de coisas que nos agradem, mas desagradam aos outros.

Ou ainda falar de coisas que nos agradam e agradam também aos outros.

Se falar é um dom, o falar com proveito é um dom exclusivo de raras pessoas.

DO FAZER

Faça o que achar melhor, mas nunca se sinta obrigado nem pelo que você fez, nem pelo que os outros fizeram por você.

O mal é tudo aquilo que nos prende.

O bem é fluir.

AÇÃO E TESTEMUNHO

Para uns, viver é agir, criando e modificando coisas.

Para outros, viver é não interferir, deixando as coisas como estão e apenas testemunhando o seu fluir.

NÓS E OS OUTROS

Há pessoas que não privam, mesmo quando estão sozinhas, de sua própria companhia.

Parece que não ficam à vontade com elas mesmas.

Quem se curte a si mesmo, ganhou a sua autonomia existencial.

Sabe que, fundamentalmente, é a sua única e melhor companhia.

Quem procura sempre agradar, esquece de se agradecer.

DOS LIBERTADORES

Há pessoas que, sob o pretexto de libertar os outros, torna-os seus discípulos.

Discípulos que morrerão sempre discípulos, na ilusão de que foram libertados.

DO VER E DO CRER

Quanto mais se vê, menos se crê.
Quem vê, vê; quem crê, crê.
A fé não é visão, mas a vontade de
que tudo seja como se quer.
E, quando a fé se torna fato,
não é mais fé,
mas fato que se pode ver.

DA VERDADE ABSOLUTA

Há uma verdade absoluta: a que cada um tem a sua própria verdade.
Há pessoas, no entanto, que vivem à procura da verdade nos outros. E há outras que procuram impor sua verdade aos outros.
Umam querem ser escravizadas. Outras querem escravizar.
Quem precisa de senhor, tem vocação de escravo.
Quem escraviza, precisa de escravos.
E se precisa de escravos, é porque não alcançou a liberdade.

DA RESPONSABILIDADE

Há pessoas que se tornam responsáveis por tanta gente que, afinal, se tornam irresponsáveis por si mesmas.

DA FELICIDADE

Ninguém tem a obrigação de fazer os outros felizes.
A felicidade é um trabalho pessoal de cada um.

É uma infelicidade a ânsia de ser feliz.

A felicidade é um estado além da saúde e da doença.
É um modo total de ser, harmonizando os contrários.

DA OBSERVAÇÃO

A observação é o início da compreensão.

Meditar é, fundamentalmente, observar e observar é a essência do ver.

DA SOLIDÃO

Solidão é se estar íntimo de si.
Não é a negação dos outros.

DA MEDITAÇÃO

A meditação é um estado de profunda observação. É observação sem observador.

LIBERDADE E PENSAMENTO

A liberdade ilumina o pensar. Mas o pensar não produz liberdade.
A liberdade é um estado que independe do pensamento.
Quase tudo o que pensamos é produto cultural. Nada mais somos do que consumidores de pensamentos.

AGORA

Este momento de felicidade é a eternidade temporária.
Nada existe maior do que o agora.

DO AUXÍLIO

Cuide para que sua ajuda aos outros não os transforme em dependentes e parasitas.

Pouquíssimas pessoas se importam com você. Mas quase todas se importam com o que você pode fazer por elas.

Ajude com moderação. A ajuda, quando freqüente, se transmuda em obrigação - ao menos para aquele que é ajudado.

Assim como você determina o preço de seu trabalho, determine também o limite para o que você faz de graça.

Há pessoas que se fazem de frágeis, dependentes, necessitadas para nos parasitar, pouco importando o quanto isso nos custe.

Não fique de plantão para os outros. A emergência de muita gente é uma forma, consciente ou inconsciente, de conseguir atendimento imediato de suas necessidades.

Não procure sempre ajudar os outros. Nem sempre quem pede ajuda quer realmente ser ajudado. Não sabe sequer o que está pedindo, porque não sabe o que quer. Ou sabe o que quer, mas não quer mudar, embora diga que o queira.

O importante é que as pessoas se ajudem e não os motivos pelos quais se ajudem.

PODER, VALOR E UTILIDADE

Uns querem valer para poder.
Outros, o poder para valer.
E outros, finalmente, querem ser úteis para ter valor.

DO PENSAMENTO

Quase tudo o que pensamos não passa de hábitos psíquicos.
Pensamos pensar, quando na verdade pensamos os nossos hábitos.

Há um ego que tem consciência do que pensa. É o ego cartesiano. Penso, logo existo.

Há outro ego que observa o que pensa e como pensa. É o ego transcartesiano. Sou e por isso penso e observo o que penso.

Quase todos somos seres pensantes. Poucos são os seres transpensantes e só estes podem modificar o que pensam, libertando-se assim dos padrões de pensamento de sua cultura.

Quanto mais pensamos em algo, maior é a sua possibilidade de acontecer. O pensamento é também uma das sementes do acontecer.

DA VELHICE

O envelhecimento é o preço da longevidade. O sofrimento e as doenças fazem parte do processo do existir. É o nosso desejo de uma juventude e de uma saúde permanentes que nos leva a pensar que a velhice e o sofrimento são conseqüências dos nossos erros e também punição por causa deles.

Quem muito já viveu tem, na sua vida, um seguro patrimônio. Ninguém o despojará do vivido. E, embora a velhice doa, não durará muito tempo. E, morto, morrerá consigo o que ninguém herdará.

Na juventude, gastamos o tempo como se ele nunca fosse acabar.

Na velhice, economizamos o tempo, sentindo que velozmente ele está quase a acabar.

Há pessoas cuja velhice é uma mumificação. O resto de vida que têm é que evita que apodreçam.

Envelhecer é mais um problema cultural do que físico. Se há culturas que praticam eutanásia real ou psicológica nos seus velhos, há outras que prolongam sua vida útil pelo amor, atenção e respeito com que os trata.

A tecnologia tem aumentado a expectativa de vida dos idosos e reduzido o número de nascimentos pelo controle da natalidade. O envelhecimento das populações está se tornando um fenômeno universal. Tudo leva a crer que o mundo marcha para a gerontocracia, onde a velhice, apesar de todos os seus incômodos físicos e psicológicos, não será necessariamente uma maldição.

Envelhecer e morrer são atributos dos sistemas complexos. Os sistemas atômicos, as partículas não envelhecem, nem morrem. O que envelhece e morre são as suas composições biológicas.

O envelhecimento e a morte que ocorrem com os organismos superiores não se verificam em muitos animais multicelulares primitivos.

No mundo mineral, envelhecimento e morte são fenômenos desconhecidos. O ouro, por exemplo: podemos parti-lo em pedaços e cada um deles permanece o mesmo. Só o mundo mineral conhece a eterna juventude e a imortalidade.

Talvez sejam os minerais de nosso corpo que nos induzam ao sonho do não-envelhecimento e da imortalidade.

SÍMBOLOS & COISAS

Vivemos mais num mundo de símbolos do que de coisas. Só nos relacionamos com as coisas que sejam objetivações de símbolos.

Somos essencialmente consumidores de símbolos, não de coisas. As coisas, em si, não têm valor intrínseco: elas valem o que simbolizam. Assim, quando compramos coisas, também compramos símbolos. Falamos de sua utilidade operacional, mas o seu verdadeiro valor é o simbólico.

A utilidade, na maioria das vezes, é o pretexto do simbólico.

DO CEPTICISMO

Há pessoas cujo cepticismo é uma neurose. A negação sistemática constitui a forma de afirmação de sua personalidade. Negar sempre, mesmo contra todas as evidências, desconfiar de tudo, menos do seu julgamento, é o orgasmo de sua paranóia.

Há alguns que ainda vão mais além e declaram que nem sequer confiam no seu próprio discernimento. Mas, apesar disto, se consideram o dono único e absoluto da verdade.

Ouvi-los sobre qualquer assunto, não é apenas uma perda de tempo, mas um sacrifício inútil que nos impomos a nós mesmos.

DA AÇÃO

Não importa o que temos, mas o que sabemos e fazemos.
As coisas são meras conseqüências do nosso agir.

Coisas são imobilizações que freqüentemente imobilizam as pessoas.
Por isso, o ter prende o ser.

O ser é essencialmente ação, atividade, gerando serviços e coisas, e assim não se deve permitir prender-se aos seus resultados.

O ser que deixa de agir se coisifica: não é, mas foi, e não faz, mas é feito e

efeito.

O VIVER SOFRIDO

Viver é, às vezes, terrível, quando se vive sofrendo e quando se sofre pelo medo do sofrimento e/ou da morte.

DO METRO

Ao inventarmos o metro para medir pessoas, coisas e fenômenos, passamos a acreditar ingenuamente que somente o mensurável é real. Assim, o real passou a ser o que pode ser medido.

Por ser inventor do metro, o homem se sentiu como o árbitro da própria realidade.

OS DEMÔNIOS

Os quatro demônios da alma: o medo, a culpa, o ódio e apego.
O sofrimento é decorrente da ação de um ou de mais de um deles.

DO MEDO

Tudo o que tememos é real.
É real porque nos faz sofrer, mesmo que nunca venha a acontecer.
Nem sempre o fato dói. O medo, sempre.
O medo é, assim, maior que o fato.
O medo está presente, acontecendo, como se fato fosse, embora ausente.

O medo de sofrer nos faz sofrer.
No sofrer, sem medo, a dor menor.
A dor aceita perde o seu poder e dói menos quanto poderia.
Só para o revoltado a dor é grande.

Quem não teme a dor, nem teme a morte, é feliz plenamente a cada dia.

DA CULPA

Quem se sente culpado, mesmo que não o seja, já está sendo punido.

DO ÓDIO

O ódio é nosso grilhão: o fantasma cultivado do que já não mais existe.

DO APEGO

Todo sofrimento está na razão direta do apego e conseqüência da perda do objeto do apego.

As relações entre as pessoas são gratificantes quando não envolvem o apego. Estar juntos não é exclusivismo, mas compreensão recíproca.

O ser companheiro é aquele que sempre o é enquanto faz companhia. Não é simples presença física, a qual, na maioria das vezes, é uma presença ausente, mas a presença espiritual, que é sempre uma presença real apesar da ausência física.

Quem se apega ao que foi, carrega um cadáver às costas.

Quem é apenas testemunha de si mesmo, não se envolve.
Tudo o que fomos são fantasmas.

DA DOR

Falas tanto de tua dor.
Queres ficar bom ou cultivar a dor?

A dor valorizada se transforma em vício.

Parece paradoxal, mas o cultivo da dor pode ser uma forma de preencher o tempo vazio.

Quem tem muito o que fazer, não tem tempo disponível para dedicar-se à dor.

Afinal, a dor nunca é boa companhia.

A MULTIFACE DA DOR

Todo o perigo da dor
não é seu próprio doer:
é a sua anestesia.
A dor que já não se sente,
nem em si e nem nos outros.
A dor que perdeu a voz.
A dor a que falta o espasmo.
A dor que não causa espanto.
A dor que não mais revolta.
A dor que nos fez eunuco
no amargo céu da impotência.
Quando você sofrer, há sempre um remédio:
Ou você se acostuma ou se anestesia.
Não faça da dor um pretexto, castigo ou purificação.
A dor é um fato e só. Merece medicação e não explicação.
A dor é uma visita incômoda. Por que pensar por que ela veio? Já não basta
o próprio doer?
Só nos cabe em tais momentos nos livrar deste incômodo.

A DOENÇA

A doença são desequilíbrios descompensados.
A saúde é a compensação harmônica dos desequilíbrios.
A morte é a cessação de todos os desequilíbrios.
Não prestigie a doença. Confie em seu organismo.
Se você duvidar do seu organismo e acreditar na vitória da doença, ela, por certo, vencerá.
O que o organismo “quer” é que você o apóie e deixe-o fazer o que ele sabe.
Jamais acredite que o seu organismo não possa vencer determinada doença.
Se outros organismos o conseguiram, por que o seu não o conseguirá?
Porque outros não o conseguiram, não quer dizer que o seu necessariamente não o conseguirá.

O BOM MORRER

É bom morrer maduro, no outono, do que apodrecido no inverno.

DO MITO DA PUREZA

Não existe experiência pura.
Toda experiência está irremediavelmente contaminada pelas experiências anteriores.
Disto podemos ter consciência, mas nada podemos fazer para evitá-lo.
Do mesmo modo não existe o presente puro. Ele é constituído de conteúdos do passado e probabilidades do futuro influenciando no seu fluir.
Não há uma realidade pura a ser vista, pois o que chamamos de realidade não passa de um resultado da nossa sensorialidade e dos nossos padrões psíquicos e culturais.
Na verdade, vemos o que cremos, e o que cremos é o resultado de todos esses fatores.

DA FÉ

A fé é a vontade que se fez poder.
É também uma forma de perceber a realidade.
Não há uma razão para a fé: ela é a sua própria razão.

A fé é o recurso extraordinário do homem para resolver problemas que a razão não consegue.

DA INVEJA E DA AMBIÇÃO

A inveja é um desejo paralítico que não suporta a ambição bem sucedida.

O LIVRE PENSADOR

Quem não segura ou se segura é realmente livre.
O livre pensador é também livre de suas próprias idéias.

Tudo o que criamos nos influencia.
O criador modela a criatura e é modelado por ela.

A INFIDELIDADE

A verdadeira infidelidade é ser fiel ao que não mais somos.

O BODE EXPIATÓRIO

É a lei da causalidade no plano moral que nos faz procurar sempre um culpado para tudo o que de mal acontece. O “bode expiatório” é uma catarse coletiva para a justificação dos males e a punição exemplar do seu causador.

Instintivamente, não gostamos de assumir culpas ou conviver com remorsos. Vivemos, por isso, sempre à procura de um bode expiatório para transferir os nossos infortúnios, valendo-nos, para isso, de seres humanos e divinos.

Em algumas sociedades, os reis divinos eram sacrificados em caso de calamidades. Ou se fazia o holocausto de animais ou de pessoas comuns ou mesmo de filhos de reis. Afinal, segundo o Catolicismo, o próprio Deus não ofereceu à humanidade o sacrifício de Seu próprio Filho?

A vítima sacrificial, em algumas sociedades, tinha um tratamento especial e participava de todos os prazeres possíveis. Mas, a sua morte, geralmente, era terrível. Vê-se que o sadismo pode ser também de natureza metafísica.

PECADO E VIRTUDE

O pecado (erro) é um estado de oposição, onde se nega o que é e se afirma o que não é.

A virtude (verdade) é a afirmação do que é e a negação do que não é.

Tudo o mais são múltiplas manifestações do pecado e da virtude.

DA VIRTUDE

O bem que se pratica compulsoriamente não faz bem a quem o pratica.

Há pessoas ditas virtuosas que vivem obcecadas em fazer o bem para provar a si mesmas e às outras pessoas as suas virtudes.

Desejam garantir uma recompensa transcendental e se envaidecem em ser diferentes das pessoas comuns.

Negam seus sentimentos, seus desejos, seus pensamentos considerados pecaminosos.

Lutam tenazmente contra eles, porque se sentem tentadas pelas trevas e provadas por Deus.

A própria doença decorrente de seus conflitos interiores passa a ser interpretada como uma prova de eleição divina. Encaram o sofrimento como uma bênção.

No fundo, porém, invejam a saúde e o êxito dos maus, mas se confortam, numa vingança disfarçada, de que eles, no final, serão punidos.

Vivendo num constante dualismo entre as suas disposições humanas e as suas pretensões espirituais, via de regra não gozam boa saúde física e tampouco mental.

Por isso, se agitam entre o medo de fracassar e a culpa por eventuais fracassos, o ódio de terem fracassado e o rancor contra a boa sorte dos maus.

A verdadeira virtude é a compreensão da natureza humana e a sua adequação à vida social, onde a prática de cada ato se faz com lucidez, sem sentimento de medo, culpa, remorso ou rancor.

DO JOGO

Por que o jogo sempre fascinou o homem?

Tentar a sorte parece ser uma necessidade arquetípica de o homem experimentar o acaso.

Segundo Plutarco, os deuses desciam do Olimpo para jogar dados com os guardas do templo.

E os deuses germanos também eram fascinados pelo jogo.

Por isso, é significativo que os homens obedeçam docilmente às regras do jogo e se mostrem tão rebeldes em relação às normas sociais.

DA SEGURANÇA

Temos medo de perder o que ou quem nos dá segurança pelo receio de nos perder.

O que ou quem pode nos garantir?

Não importa discutir as mais diversas formas de segurança, mas o porquê queremos estar seguros. A idéia do transcendental surge da necessidade de proteção geral para nossa vida e de explicação para os males que nos afligem.

De tanto querer entender o desconhecido pelo conhecido, fazemos do desconhecido uma caricatura do conhecido.

DAS POSSIBILIDADES

Não pense apenas no que pode acontecer, mas no que você pode fazer acontecer.

Uma coisa é a possibilidade de algo extremamente raro acontecer; outra é se prever quando ele acontecerá.

FATOS E SONHOS

Os fatos se tornam sonhos
e sonhos se tornam fatos.

Qual deles é o real?

O fato que já passou?
O sonho que ainda é sonho?

DA ILUSÃO ATOMÍSTICA

Na nossa complexidade, buscamos a nossa essência, o núcleo indivisível do nosso ser.

Somos átomos que, um dia, sonharam ser pessoas.

DA SOLIDÃO

O humano é pouco ao humano: deuses, espíritos, ufos são sócios da solidão.

DO EXERCÍCIO DO ESTAR SÓ

Quando estou só, sou o mundo.
Os outros me deixam só.
O mundo, então, é menor.
Quando eu estou entre os outros,
sou fantasma entre fantasmas:
creio no mundo que vejo.
Neste convívio de mortos,
fantasmas se pensam vivos.

INSOLIDÃO

Nunca estamos sozinhos: há sempre alguém que nos ama, embora em anonimato.

Não há quem morra de todo, no dia de sua morte.

O que era corpo agora é sonho dos que permanecem vivos.

DO TER

Ter não é deter, nem se deter:
É um fluir com coisas e pessoas.
É aquele pegar sem se apegar,
Um tato deslizante sobre o mundo,
A negação de todas as inércias.
O verdadeiro ter é o passar.

DO RESTAR

Tudo o que restar é passageiro
e passará, um dia, sem restar.
Por que acumular, se nada fica,
pois a própria saudade é passageira
e a memória de tudo o tempo leva?!
Amigos e parentes se evaporam
e o que somos também se faz fumaça
até nada ficar, nem o lembrar.
Ninguém jamais ficou. Por que ficar
ancorado na esperança de seguir
na memória genética dos pósteros?!
O novo não se faz do que restou.

APOCALIPSE

Nós somos o Apocalipse, o efeito colateral do saber apodrecido.
Se houver Armagedon não será a ira de Deus.

ENQUANTO SOMOS VIVOS

O mundo precisa de nós e também não precisa de nós.
Ele precisa de nós quando somos vivos e não precisa de nós quando
morremos.

Então, enquanto somos vivos, lutemos pelo mundo e pelos outros, porque
eles precisam de nós.

E não nos amarguremos com a idéia de nossa morte, porque, um dia,
quando morrermos, ninguém mais no mundo precisará de nós.

QUEM É O VIVO

Viver é estar lembrado de si mesmo e pelos outros, enquanto corpo ou sem
ele.

É marca de si no mundo em nódoa inapagável.

Mesmo que reinterpretado, se é vivo em várias versões, mais vivo do que os
vivos que não deixarão de si senão o vento que passa.

PAIXÃO

Os nossos corpos se tocam.
As nossas mãos se apertam.
Nossos corpos são fornalhas.
Espaço e tempo se fundem
neste fogo indivisível.
Mas quando a paixão se apaga,
de novo o mundo retorna.
Acordamos separados,

pois nunca estivemos juntos.

CONTRICÃO

Eu me confesso, contrito,
pelo que não pude ser,
pelo que quis, mas não fiz,
pelo que fiz, mas não quis.
Não dói o tempo passado,
porém o tempo perdido
e o que se perdeu no tempo
sem ter sido utilizado.
O pecado que dói mais:
o que não foi cometido,
porque frustrado da glória
de um dia ser perdoado.

DAS PALAVRAS

Além de átomos e células, somos feitos de palavras.
Porém, além das palavras, o Reino do inexprimível.
As palavras nada são além de grafia e som em obscura semântica.
Os idiomas são feudos.
Além da palavra, o abismo silencioso do Nada.
A sabedoria é ágrafa.
Entre as palavras e os fatos, o vácuo da incompreensão.

VIAGEM

O ficar é pegajoso: nos prende aos seres e às coisas.
Partir é ficar um pouco.
Ninguém se vai por inteiro.

DA AUSÊNCIA

Há presenças que não vemos
e ausências tão percebidas.
Um vazio que machuca
muito mais que as coisas sólidas.

DO RECORDAR

Toda biografia é, na verdade, uma sucessão de pessoas semelhantes e, em outros momentos, também diferentes.

DAS INFLUÊNCIAS

Somos influenciados não apenas pelo que fizemos, mas pelo que pretendemos fazer.

Não somos influenciados apenas pelas nossas ações, mas também pelos nossos sonhos.

O homem é um compósito de fatos e sonhos.